



Roda de Conversas

“O BICHO”, DE MANUEL BANDEIRA, E A REPRESENTAÇÃO LITERÁRIA DA EXPERIÊNCIA DA FOME*

Luciano Marcos Dias Cavalcanti¹, Cilene Margarete Pereira²

¹ Universidade Federal de Alfenas/Instituto de Ciências Humanas e Letras,
luciano.dias.cavalcanti@gmail.com

² Universidade Federal de Alfenas/Instituto de Ciências Sociais Aplicadas,
cilene.pereira@unifal-mg.edu.br

Resumo: Amparados pela **Base Nacional Comum Curricular** (BRASIL, 2018), nas competências gerais 3, 9 e 10, referentes à fruição e valorização de manifestações culturais diversas e ao respeito aos direitos humanos, e pelas **Diretrizes Curriculares Nacionais**, a propósito da “estética da sensibilidade” e da “política de igualdade” (BRASIL, 2000), este trabalho tem o objetivo de refletir sobre a representação da fome e da exclusão social a partir do poema “O bicho”, publicado por Manuel Bandeira no livro **Belo, Belo**, de 1947.

Palavras-chave: Representação literária; Direitos Humanos; Poesia; Manuel Bandeira, Ensino.

1. Introdução

As competências gerais 3, 9 e 10 da **Base Nacional Comum Curricular** (BNCC) apontam o espaço escolar como *lócus* de aprendizagem do aluno sobre si mesmo e sobre o outro, por meio do estabelecimento do respeito aos saberes e construções sociais diversas e da valorização de linguagens e meios de expressão e cultura múltiplos, alicerçado pelo respeito aos direitos humanos e por práticas sociais solidárias e empáticas.

As **Diretrizes Nacionais Curriculares** (DCNS), a partir do conceito de “estética da sensibilidade”, entendida como o estímulo à “criatividade”, ao “espírito inventivo”, à “curiosidade pelo inusitado”, à “afetividade para facilitar a constituição

* Este trabalho faz referências a algumas considerações do artigo “Reflexões sobre literatura, direitos humanos e ensino a partir do texto literário”, publicado pelos autores. Disponível em: https://revistas.unicentro.br/index.php/revista_interfaces/article/viewFile/6020/4373. Acesso 15 jul. 2021.



Roda de Conversas de identidades capazes de suportar a inquietação, conviver com o incerto e o diferente” (BRASIL, 2000, p. 62), já apontavam essa perspectiva de valorização da diversidade, entendendo a “estética da sensibilidade” como um “substrato indispensável para uma pedagogia que se quer brasileira, portadora da riqueza de cores, sons e sabores deste País, aberta à diversidade dos nossos alunos e professores [...]” (BRASIL, 2000, p. 63).

Considerando o contexto descrito e a perspectiva adotada pelos documentos acima, este texto tem o objetivo de apresentar uma leitura reflexiva do poema “O bicho”, de Manuel Bandeira, publicado no livro **Belo, Belo**, de 1947. Trata-se de um texto em que se representa a fome e a miséria, por meio da figura do morador de rua que revira, faminto, uma lata de lixo. Por meio do poema de Bandeira é possível experienciar a exclusão social e promover uma reflexão, em sala de aula, sobre situações de vulnerabilidade e invisibilidade pública.

Em relação à metodologia do trabalho, trata-se de uma pesquisa qualitativa, bibliográfica e documental, com vista à análise de um objeto cultural específico, o texto literário, fazendo uso, portanto, de estratégias analíticas próprios dos estudos literários e crítica, particularmente do poema, no que se refere à sua dimensão social e estética (ARRIGUCI JR., 1987, 1992).

2. A representação literária da experiência da fome

Candido observa, a esse respeito da representação literária, sua fundamental capacidade de “dar voz”, de “mostrar em pé de igualdade os indivíduos de todas as classes e grupos, permitindo aos excluídos exprimirem o teor da sua humanidade, que de outro modo não poderia ser verificada”. (CANDIDO, 2004, p. 11). É o que Bandeira faz em seu poema, reproduzido na íntegra abaixo:

Vi ontem um bicho
Na imundície do pátio
Catando comida entre os detritos.

Quando achava alguma coisa,





Roda de Conversas

Não examinava nem cheirava:
Engolia com voracidade.

O bicho não era um cão,
Não era um gato,
Não era um rato.

O bicho, meu Deus, era um homem (BANDEIRA, 1986, p. 179)

O título do poema indica o campo semântico ao qual se vincula o texto de Bandeira, perspectiva assumida, numa leitura superficial, pelo uso expressivo do vocábulo “bicho”, retomado quatro vezes ao longo do texto.

A primeira estrofe aponta para algo que pode ser considerado comum na visão do eu lírico criado por Bandeira: ele vê um bicho revirando o lixo à procura de comida. A naturalização da cena se dá não só porque o leitor reconhece sua possibilidade, como já passa a prever a identificação do bicho, que só ocorre, no poema, em sua terceira estrofe. Assim, se por parte do leitor há um adiantamento do texto, na imaginação de que bicho se trata; por outro, o poeta retém essa identificação, resguardando-a para a terceira estrofe. Tal estratégia tem relação com a proposta reflexiva do texto que trabalha com o conhecimento prévio e estigmatizado do leitor sobre a figuração do “bicho”.

Na primeira estrofe, as palavras “imundície” e “detritos” ganham destaque, sugerindo o estado de apodrecimento da comida “catada” pelo “bicho”. Há, nesse sentido, uma tentativa “racional” do “bicho” de selecionar a comida, tentando achar algo que, embora associado à podridão, seja possível de sanar a fome.

A estrofe seguinte dá continuidade à narrativa do poema, revelando o estado de ansiedade do “bicho”, que “engolia” o que achava com “voracidade”. Não examinar e não cheirar a comida aponta para dois aspectos diversos: se por um lado ressalta a fome do “bicho”; por outro sugere que o eu lírico espera do “bicho” uma atitude mais racional na seleção da comida encontrada. Mas como raciocinar em torno do que se come, se se é um “bicho”?

Há, nesse caso, uma contraposição entre a primeira e a segunda estrofe do



Roda de Conversas poema relativa ao comportamento do “bicho”. A segunda estrofe do poema, lida em relação à primeira, coloca em dúvida a visão do eu lírico, que talvez esteja narrando não um acontecimento banal, mas algo incomum, sobre o qual ele intui, mas não tem ainda certeza. O fato é que a segunda estrofe projeta para o texto algo sobre o qual o leitor não tem conhecimento: a experiência da fome.

Apenas na terceira estrofe, Bandeira começa a materializar a imaginação do leitor, aludindo aos tipos de bichos possíveis de encenar tal representação: cão, gato, rato. Há, aqui, uma gradação crescente do mundo animal, que vai do mais próximo ao homem (cão) ao mais distante e desprezado (rato). Se todos são possíveis atores da cena, o rato aparece como o mais provável e/ou único integrado ao cenário da “imundície”, dos “detritos”, do “lixo”. Cão e gato são animais domésticos ou domesticáveis, próximos ao universo humano. São, portanto, animais humanizáveis. Mas ainda que estejam colocados os agentes possíveis da ação (catar comida no lixo), eles são negados pelo eu lírico de Bandeira, que afirma que: “O bicho não era um cão,/ Não era um gato,/ Não era um rato.”

A terceira estrofe põe em suspenso, assim, não só a certeza do leitor a respeito da identificação do “bicho”, como o estado de normalidade da visão do eu lírico na primeira estrofe: “Vi ontem um bicho”. Aquilo que poderia ser uma visão comum, assertiva, vai adquirindo lugar de exceção e de negação. É como se se aproximando mais de cena, o eu lírico pudesse reconhecer a fisionomia do “bicho”. O paralelismo dos versos (“não era um”) encena a perturbação do eu lírico ao constatar, na estrofe seguinte, que “O bicho, meu Deus, era um homem”.

Se há uma simetria entre as três estrofes iniciais (formadas por três versos); aqui, há uma ruptura na organização do poema, encenando a própria ruptura do eu lírico e do leitor, estupefatos, os dois, com a constatação de que o “bicho” é um homem. Esse espanto é tratado, no nível lexical, pelo uso da expressão “meu Deus”, equivalente, do ponto de vista sintático-semântico, ao uso do ponto de exclamação.

3. O poema “O bicho” e a estética de Bandeira





Roda de Conversas

Tornar visível algo que vemos todos os dias (e que por isso perdemos a capacidade de ver) é o que o trabalho de linguagem do poema propõe, a visibilidade do “bicho”, da pobreza e da fome. Essa visibilidade é conseguida por meio “de um trabalho profundo sobre os meios expressivos e a experiência, regida por uma determinada maneira de conceber e praticar a operação de dar forma à poesia, por um estilo”, observa Arrigucci Jr. (1992, p. 13). O estilo ao qual se refere Arrigucci é o humilde, que busca o natural e o simples, “muito semelhante ao da tradição cristã” (ARRIGUCCI, 1992, p. 13). Para o crítico, o tema da pobreza, na obra de Bandeira,

[...] aparece como objeto da representação literária, isto é, como assunto a que não se pode furtar um poeta com os olhos voltados para a realidade brasileira, onde a miséria é o prato de cada dia. [...] É essencialmente no modo de representação que [a pobreza] se afirma sua importância fundamental: concebida como um valor ético de debate, um modo de ser exemplar, a humildade se converte ainda num princípio formal de estilo. (ARRIGUCCI, 1987, p. 113).

O estilo humilde do poema de Bandeira aciona uma reflexão sobre Direitos Humanos por meio tanto do assunto do texto quanto por sua forma, que promove um processo de percepção medida e gradual do homem. Bandeira é o poeta que se solidariza “com as pequenas coisas e com a miséria social”, deixando transparecer “uma potencialidade política visível” (CAVALCANTI, 2007, p. 101).

Essa perspectiva é assumida por Bandeira: “o poeta não é um sujeito que vive no mundo da lua, perpetuamente entretido entre coisas sublimes. É, ao contrário, um homem profundamente misturado à vida, no seu mais limpo ou mais sujo cotidiano” (BANDEIRA, 1966, p. 18). É compreensível que ele transforme a carência absoluta do sujeito, identificado como “bicho” pela sociedade, em “momento poético”, retirando a poesia de onde menos se espera, alçando aquele que é invisibilizado à sua real condição de gente:

Não se trata absolutamente de elevar o que se capta no plano comum do dia-a-dia, mas de desentranhar aqui o poético, junto às circunstâncias em que o Eu se acha situado. A pobreza se revela [...] como condição real de dar forma ao poema. (ARRIGUCCI JR., 1987, p. 108)





Roda de Conversas

O poema “O bicho” protagoniza alguém dotado de carências extremas, que é colocado na condição de “bicho” ou de coisa, de um objeto “reificado”, ou seja, o valor central da sociedade deixa de ser o humano e passa a ser o econômico.

3. Conclusão

À “estética da sensibilidade”, citada no início desse texto, está disposto outro fundamento, a “política da igualdade”, que deve ser “inspiradora do ensino em todos os conteúdos curriculares”, sendo ela própria um

[...] conteúdo de ensino, sempre que nas ciências, nas artes, nas linguagens estiverem presentes os temas dos direitos da pessoa humana, do respeito, da responsabilidade e da solidariedade, e sempre que os significados dos conteúdos curriculares se contextualizarem nas relações pessoais e práticas sociais convocatórias da igualdade. (BRASIL, 2000, p. 65).

“O bicho”, poema de Manuel Bandeira, convida, por meio da “estética da sensibilidade” e dos Direitos Humanos a uma reflexão sobre a “política de igualdade”, tão requisitada em nossos documentos educacionais e na formação de uma sociedade mais justa, democrática e empática.

Referências

- ARRIGUCCI JR., Davi. **Humildade, paixão e morte**: a poesia de Manuel Bandeira. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- ARRIGUCCI JR., Davi. O humilde cotidiano de Manuel Bandeira. **Enigma e comentário**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- BANDEIRA, Manuel. **Andorinha, Andorinha**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1966.
- BANDEIRA, Manuel. **Estrela da vida inteira**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.
- BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Parâmetros Curriculares Nacionais** (Ensino Médio). Brasília: MEC/SEF, 2000.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.
- CANDIDO, Antonio. Na noite enxovalhada. In: ANTÔNIO, João. **Malagueta, Perus e Bacanaço**. 4 ed. São Paulo: Cosac Naify, 2004.
- CAVALCANTI, Luciano Marcos Dias. **Música popular brasileira e poesia**: a valorização do “pequeno” em Chico Buarque e Manuel Bandeira. Belém: Paka-Tatu, 2007.

